

FONTE : F.S.P

CLASS. : 04

DATA : 10.6.85

PG. : \_\_\_\_\_

## Garimpagem na Amazônia (2)

**MÁRIO DA SILVA PINTO**

Especial para o Folha

É sabido que nos aluviões auríferos, depois de uma concentração hidrogravimétrica dos minerais pesados, procura-se separar o ouro fino através da produção de um amálgama de ouro com o mercúrio. Há instalações elaboradas em que a polpa pulverizada passa por placas amalgamadas, que são raspadas de tempos em tempos. Nos trabalhos de garimpagem em pequena escala, junta-se o mercúrio ao chamado "fundo de bateia" e depois aquece-se o amálgama para destilar o mercúrio e ficar com o ouro. Essa operação de destilação pode provocar a intoxicação ambiental, e no filme de Cousteau, repete-se, vê-se uma criança pertinho do cadinho sem tomar precaução alguma. Ninguém usava máscara.

É uma hipótese admissível que esse mercúrio vá para as águas do Madeira e se incorpore ao organismo e ao esqueleto de alguns peixes, tal como Cousteau mandou investigar; de outro lado, é possível que o volume e velocidade das águas impeçam uma concentração perigosa do mercúrio, mas também é admissível que parte se incorpore ao sedimento do fundo. O efeito mercurial é cumulativo, e é uma hipótese legítima admitir-se que daqui a alguns anos possa haver intoxicações fluviais por mercúrio.

Assim, tem grande mérito a pesquisa encetada pela Secretaria de Meio Ambiente junto com o Centro Tecnológico de Belo Horizonte (Cetec), para dar racionalidade ao trabalho de garimpagem de ouro. A recuperação do mercúrio em condensadores muito simples, diminuiria a contaminação ambiental e baixaria o custo da operação.

Trabalhei pessoalmente na Produção Mineral, de que fui diretor e diretor geral, em análises de ouro e em amalgamação, e o problema principal para os trabalhos de garimpagem é imaginar dispositivo simples para os garimpeiros que condensem os vapores de mercúrio, eliminando tanto quanto possível, repete-se, as perdas para a atmosfera e o meio ambiente. Acredito que a

exibição aos garimpeiros de "posters" mostrando os terríveis efeitos da "Síndrome de Minamata" possa levá-los a medidas de prudência; há que mostrar-lhes as lesões genéticas transmissíveis de que podem ficar portadores, transformando-os em amantes malditos. Se não se fizer isso, o ouro de garimpagem pode ser superado no futuro pelas despesas para tratamento das vítimas do mercúrio.

Caberia a nosso ver, uma ação coordenada do Departamento Nacional da Produção Mineral com a Secretaria de Meio Ambiente para conjurar essa possível catástrofe ambiental, com terríveis efeitos genéticos, repete-se, para os descendentes dos garimpeiros; a ação da Sema e Cetec tem que ser reforçada.

O garimpeiro foi um elemento importante na formação histórica do Brasil e, embora depredador de reservas minerais, tem que ser apoiado, na medida do possível, por ser um indivíduo de elevada iniciativa; além disso, trata-se de um fenômeno de trabalho incoercível. É melhor ajudar e racionalizar a garimpagem do que combatê-la com provável insucesso e elevados traumas psicossociais.

No caso de haver instalações centrais para destilação do amálgama e recuperação simultânea do ouro e do mercúrio, um processo de despoluição seria dirigir todos os efluentes líquidos para lagoas com aguapé; essa planta fluvial absorve e adsorve cátions pesados, a exemplo do mercúrio.

Tudo deve ser feito para se evitar no Brasil a repetição da catástrofe japonesa de Minamata, e quando se reflete em outros garimpos gigantes, como o de Serra Pelada, começa-se a ficar preocupado com o assunto; o Ministério das Minas tem que ser chamado à ação imediata e programa de baixo preço e resultados seguros. O atual diretor geral da Produção Mineral, Dr. José Belfort Matos, conhece bem os problemas da garimpagem amazônica; V.Sa. coordenará com eficiência iniciativa no gênero.

MÁRIO DA SILVA PINTO, 77, é engenheiro, membro do Conselho de Curadores da Fundação Salim Farah Maluf e da Academia Brasileira de Ciências.